

A mulher negra em Ponciá Vicêncio: discurso e representatividade

SANTOS, Tatiana Aranha dos¹

QUEIROZ, Claudio Ribeiro Santana,²

RESUMO

A população feminina brasileira ultrapassa a masculina, e, ao se fazer o recorte étnico, em números, a população feminina negra autodeclarada, ultrapassa 7,5 milhões de pessoas. São dados oficiais de 2017 após uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sentir-se representado em suas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais torna o indivíduo pertencente a um grupo social. Assim, utilizaremos a Análise de Discurso de Linha Francesa para identificar a representatividade da mulher negra na cidade sendo escolhido como *corpus* da pesquisa o livro de Conceição Evaristo, “Ponciá Vicêncio”. Através da obra, que é um marco da Literatura Contemporânea e que tem a mulher negra como protagonista, buscaremos as formações discursivas e ideológicas, que perpassam os personagens para que comprovem o papel da mulher negra na cidade enquanto sujeito. Serão analisados recortes da obra através da linguagem, ideologia, contextualização história e interdiscursos utilizados pela autora. Os resultados dessa pesquisa identificam a segregação sofrida pelo sujeito em questão dentro da urbe no âmbito geográfico, ideológico, social e cultural.

Palavras-chave: Representatividade. Cidade. Mulher. Análise de Discurso.

ABSTRACT

The Brazilian female population surpasses the male population, and, when making the ethnic cut, by numbers, the self declared black female population, surpasses 7,5 million people. These are official data from 2017 after a Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). Is represented in its characteristics, be they physicals, behavioral or sociocultural makes the person belonging to a social group. Than, we will use the Dicourse Analysis from the French line to identify the representativeness of black women in the city choosing like corpus to the research Conceição Evaristo’s book, Ponciá Vicêncio. Through the work, what is a Contemporary Literature frame and what has the black woman as protagonista, we will seek the discursive formations and ideological, that permeate the characters to prove the role of the black woman in the city like a subject. It will be analise work cuts through language, ideology, historical contextualization and interdiscourses used by author. The results of this research identify segregation suffered by the subject in question inside the urbe in the geographical, biological, social and cultural sphere.

Key Words: Representativeness. City. Woman. Discourse Analysis

¹ Graduanda em Letras Português (UCSal), santosaranha@hotmail.com

² Mestre em Estudo de Linguagens/PPGEL (UNEB), Especialização em Estudos Linguísticos e Literários (UFBA). Professor da UCSal. claudioribeiro28@gmail.com/claudio.queiroz@pro.ucsal.br

1 INTRODUÇÃO

Representações sociais são o resultado do conhecimento produzido no senso comum, com base nas interações entre membros de grupos sociais com a finalidade de tornar familiar o ambiente em que se vive. Segundo o IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na pesquisa de 2017, pessoas que se declaram pretas e pardas compõem mais de 50% da população brasileira. Considerando-se que somos cerca de 205 milhões de habitantes, são mais de 100 milhões de afrodescendentes vivendo hoje no Brasil. A polarização da cidade, existente no país, a divide em duas: espaço ocupado por negros e o espaço ocupado por brancos o que configura um *apartheid* velado, fato que ocorre à medida que as sociedades se vão diferenciando em classes a estratificando etnicamente. A etnia de maior ocorrência na população, deveria ser a predominante em sua representação nas cidades.

“Da estratificação social caminha-se para a formação da estética racial. O grupo dominante formula seus valores estéticos fortemente impregnados pela conotação étnica. Consequentemente, a cultura dominante do colonizador branco, simplesmente, esmagou a cultura trazida pelos africanos”. (NASCIMENTO, 1961, p.20). Sabemos que a Literatura é um instrumento fundamental para a promoção das demandas da população negra no combate às desigualdades sócio-raciais. Para a comprovação da não representatividade do negro a partir da constituição do discurso, da noção de sujeito, como também da ideologia, formação discursiva e ideológica. será investigado o lugar da mulher negra enquanto sujeito participante da sociedade pós abolicionista bem como a questão racial que perpassa pelos relacionamentos sociais contidos no livro Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo. Conceição Evaristo trabalha com uma autoria feminina negra sendo, perceptível a cada capítulo, a recuperação da ancestralidade da personagem exposta através de sua memória. Além de verificar o papel de uma mulher oriunda do interior, ainda inocente no tocante as relações humanas com o viés da discriminação de gênero e raça, ambas contidas na obra, o objetivo deste trabalho é comprovar a perpetuação do discurso misógino na contemporaneidade.

2 ASSUJEITAMENTO IDEOLÓGICO

Para Michel Pêcheux (1997), o discurso é o objeto de uma busca incessante. As questões acerca da língua, da história e do sujeito se unem, se misturam a ponto de se confundirem. É o ponto de partida das pesquisas sobre o homem. Os conceitos que a AD utiliza, são oriundos de outras áreas do saber, como a psicanálise, o marxismo, a lingüística e o materialismo histórico, que, ao serem analisados no corpus do discurso, ajustam-se às especificidades do mesmo, perdendo seus sentidos originais. Em Pêcheux (1997), “[...] a forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido, realiza o *non-sense* da produção do sujeito como causa de si sob a forma da evidencia primeira”.

Michel Pêcheux utiliza ativamente o conceito de ideologia em Althusser para dar espaço ao *sujeito assujeitado*, não produtor de sentido, atravessado por diversas formações discursivas, posicionado dentro de formações ideológicas e sem controle sobre aquilo que diz ou que pensa. O assujeitamento ideológico faz com que cada indivíduo, inconscientemente, seja levado a ocupar seu lugar na sociedade, identificando, assim, com grupos ou classes sociais. Em Ponciá Vicêncio, a protagonista passa por diferentes assujeitamentos ideológicos. Em seu papel de mulher, negra e oriunda da zona rural, internamente ela se posiciona na sociedade, sem a necessidade de que outros a coloquem neste lugar (social). As relações sociais entre os elementos da sociedade, apesar de teoricamente terem mudado após a assinatura da Lei Áurea, que no texto ocorrera alguns anos antes do nascimento da personagem, não era diferente da forma em que eram considerados propriedades dos brancos, pois ainda eram tratados de forma desumana e desrespeitosa. Essa relação de dominação e pouco respeito à dignidade do negro, é relatada no trecho que descreve o convívio entre dois meninos de mesma idade mas de raças e posições sociais diferentes e, a aceitação dos negros perante o tratamento recebido, prova a autoclassificação social.

Aprendera a ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais, era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com

ele. Era o cavalo onde o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantas e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares e trabalhos? (Evaristo, 2003, p.14).

Na certeza adquirida pela convivência das relações familiares entre seus pais e de tantos outros casais da sua região, Ponciá estava satisfeita com a condição de mulher negra. O relacionamento respeitoso entre seus pais, a fez acreditar que todos os relacionamentos entre homem e mulher seriam semelhantes e sentia-se feliz por sua condição de mulher. O modelo sócio-familiar no qual fora criada, matriarcal e de respeito aos mais velhos, é característico dos povos oriundos da África. Essa satisfação foi descrita por Evaristo na página 24: “O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! “.

Mas na sociedade “dos brancos”, de origem europeia, a mulher não tinha voz. No período medieval, era considerada um adorno, sinônimo de delicadeza e beleza. Ou apenas mercadoria e propriedade dos homens. Em primeiro lugar do pai, que a trocava por terras ou moedas de ouro e depois, o esposo que a exibia na corte enquanto sua figura permanecesse aprazível. Essa formação ideológica trazida na Europa no período da colonização, foi a base da formação social vigente à época.

Séculos depois, no Brasil, a submissão feminina ainda era justificada pelos homens, por sua inferioridade física, biológica e intelectual. Inclusive na Europa, a exigência de uma sociedade burguesa, capitalista, colonial, individualista e imperialista trata com diferença a moral masculina da feminina. Segundo Cutileiro, 1971; Peristiany, 1965; Pitt-Rivers, 1954; Schneider, 1971 (citado em Pereiro, 2004/2005), existia um código moral vigente no mundo em que o homem deveria preservar a honra, a posse de seus bens, a proteção da família, a garantia de reputação social e profissional enquanto à mulher era dado o direito de gerir a casa, ser recatada e decente, ir à missa e cuidar do esposo e dos filhos, sendo a virgindade e a castidade feminina, uma obrigação.

Sua personalidade, moldada de uma cultura que valoriza o papel da mulher não apenas como procriadora, Ponciá encontra-se em uma realidade para a qual não estava preparada. Apesar de trabalhar e, sozinha, comprar uma casinha no morro para si e para os seus, ao envolver-se em um relacionamento amoroso, descobre o verdadeiro pensamento da sociedade sobre o papel da mulher. Nesta fase, ao perceber que sua posição na formação social da cidade era diferente, o que inicia o conflito interno da personagem. Pode-se dizer que um não assujeitamento ao não aceitar a ideologia local.

O que ela estava fazendo ao lado daquele homem? Nem prazer os dois tinham mais. Lembrou-se, então, de quando viveu o prazer pela primeira vez. Estava com uns 11 anos talvez. Tinha acabado de passar por debaixo do arco-íris. Apavorada, deitou-se do outro lado no chão, e começou a apalpar o corpo para ver se tinha sofrido alguma modificação. Quando tocou lá entre as pernas, sentiu um ligeiro arrepio. Tocou de novo, embora sentisse medo, estava bom. Tocou mais e mais lá dentro e o prazer chegou apesar do espanto e do receio. Lá em cima a cobra celeste, com o seu corpo, curva ameaçadora, pairava sobre ela. (Evaristo, 2003, p.21)

3 O SUJEITO E FORMA SUJEITO

Sobre uma perspectiva discursiva, o sujeito deixa de assumir uma noção idealista, imanente, o sujeito da linguagem não é o sujeito em si, mas tal como existe socialmente e interpelado pela ideologia, ou seja, não há ideologia sem sujeito, nem sujeito sem ideologia. Por isso, o sujeito não é a fonte, a origem dos sentidos, porque à sua fala atravessam outras falas, outras vozes, enfim; outros dizeres e por que não dizer até outros não-dizeres. Ao ser afetado pela ideologia torna-se forma sujeito, um conceito criado por Pêcheux (1997). Em diferentes recortes da obra, em diversos momentos do romance, a personagem se transforma em outros sujeitos, interpelada por outras ideologias.

Na obra, a personagem em questão é uma mulher negra descendente de ex-escravos e que, percebendo-se a viver na mesma situação de seus ancestrais, apesar da erradicação da escravidão, impele-se a mudar seu destino. Em seus lapsos de presença no tempo presente e por suas lembranças, revela ao leitor toda angústia, ancestralidade e a ideologia, suas convicções. Ponciá, ao revoltar-se com

a vida, afetada por sua ideologia contrastante com a posição social imposta, pode ser classificada como sujeito do discurso.

Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e depois a maior parte das colheitas ser entregue aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer-se a todo o dia. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. (Evaristo, 2003, p. 32)

Nas passagens anteriores, pode-se concluir que Ponciá vive na roça, terra doada pelos donos de seus ancestrais, e, ao revoltar-se com a situação do povo de sua vila, decide ir para a cidade. A ideologia que perpassa o sujeito é encontrada em inúmeros trechos da obra principalmente nas questões de discriminação racial, gênero, intelectual e social.

De que valera o padecimento de todos aqueles que ficaram para trás? De que adiantara a coragem de muitos em escolher a figa, de viverem o ideal quilombola? De que valera o desespero de Vô Vicêncio? ... O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (Evaristo, 2003, p. 83)

Enquanto nos recortes apresentados anteriormente ficou destacado o apelo ideológico de estratificação étnica, onde uma raça sobrepuja a outra, no caso raça branca domina a raça negra, que é uma das principais temáticas de Conceição Evaristo, militante da causa da mulher negra, nos próximos, a personagem sofrerá com uma relação amorosa abusiva e violenta. Em sua relação familiar, seu convívio diário era com a mãe e, seu referencial masculino, apesar de calado, respeitava e obedecia a mulher, Maria Vicêncio, mãe de Ponciá. Nota-se que a ideologia de igualdade de gênero, constitui Ponciá como um sujeito diferente de outras fases do romance.

A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivia entretida cantando com suas vasilhinhas de barro. Quando ele chegava, era

ela quem determinava o que o homem faria em casa naqueles dias. O que deveria fazer quando regressasse lá para as terras dos brancos. O que deveria dizer para eles. O que deveria trazer da próxima vez que voltasse para casa. (Evaristo, 2003, p.24)

4 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A instância verbal da produção do discurso, determinada pelo contexto sócio-histórico-ideológico, os interlocutores, o lugar de onde falam à imagem que fazem de si e do outro e do referente é o conjunto de mecanismos formais que produzem um determinado tipo de discurso em um condições de produção dada. Mesclam as formações imaginárias a respeito de sua própria posição e da posição do outro e a situação concreta historicamente determinada.

A expressão condições de produção de um discurso pode apresentar certas ambiguidades: parece, efetivamente, à luz do que precede, que se pode entender por isso, sejam as determinações que caracterizam um processo discursivo, sejam as características múltiplas de uma “situação concreta” que conduz à “produção”, no sentido linguístico ou psicolinguístico deste termo na superfície linguística de um discurso empírico concreto. (Pêcheux, 1997, p.182)

Envolvem o sujeito e suas contradições, que se impõem nos esquecimentos e em sua posição social, que depende da ideologia, de sua posição em relação ao modo de produção, de sua posição na esfera específica em que o discurso é praticado.

A necessidade de se encontrar, a não aceitação de seu destino, a crença de que a única forma de mudar, de melhorar a vida de sua família seria saindo da roça e ir para a cidade. Em seus pensamentos íntimos, é notório tal anseio. Para corroborar a angústia de não sentir-se dona de uma identidade e de sua vida, a personagem descreve a sensação de perceber-se ainda como uma aquisição de outra pessoa. Essa relação de dominação representada por diversos trechos da obra como no caso do seu sobrenome, que é a representação de ser um objeto, contendo vestígios do período em que seus ancestrais eram “peças” adquiridas pelos brancos. Por suas memórias, é possível identificar o momento, o contexto histórico e social do seu discurso. “Não importa quem fala, mas o que ele diz não é

dito de qualquer lugar.” (FOUCAULT, 1969:142). O discurso não tem apenas um sentido e uma verdade, mas uma história.

Ponciá Vicêncio sabia que o sobrenome dela tinha vindo desde antes do avô de seu avô, o homem que ela havia copiado de sua memória para o barro e que a mãe não gostava de encarar. O pai, a mãe, todos continuavam Vicêncio. Na assinatura dela, a reminiscência do poderio do senhor, de um tal coronel Vicêncio. (Evaristo, 2003, p.27)

Não foi citada data e nem mesmo a localização da Vila Vicêncio mas, analisando as descrições do espaço e tempo nas lembranças dos personagens, as informações necessárias para a compreensão dos acontecimentos se faz possível, analisar as condições de produção significa olhar, investigar o sentido constituído no texto, na textualidade discursiva.

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade. (Orlandi, 2009,p.16)

É possível perceber pelas palavras utilizadas pela autora ao narrar os pensamentos de Ponciá, o tom de denúncia à discriminação e perpetuação da escravidão contidas em suas memórias e nos acontecimentos que a comprovam. Nesta passagem, ao relatar a forma de trabalho vigente expõe-se a verdade acerca da forma que permanece a mesma do período de escravidão e a divisão social à época narrada.

Há tempos e tempos, quando os negros ganharam aquelas terras, pensaram que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Em muito pouca coisa a situação de antes diferia da do momento. As terras tinham sido ofertas dos antigos donos, que alegavam ser presente de libertação. E, como tal, podiam ficar por ali, levantar moradias e plantar seus sustentos. Uma condição havia, entretanto, a de que continuassem todos a trabalhar nas terras do Coronel Vicêncio. (Evaristo, 2003, p.47)

Além das condições de produção, outros artefatos da AD são baseados na contextualização do discurso. Esses elementos se relacionam entre si formação discursiva, sentido e superfície discursiva. Enquanto a formação discursiva é aquilo que pode e deve ser dito à partir de um lugar sócio historicamente determinado, ela também é constituída do sentido que a compõe e que unidas por seus enunciados, formam a superfície discursiva. Todos esses mecanismos estão entrelaçados pelas informações sócio-histórico-ideológico do discurso a ser analisado.

Em um mesmo texto, obra podem aparecer diferentes formações discursivas que conseqüentemente mudam o sentido. O sentido é produzido no processo de interlocução e atravessado pelas condições de produção (contexto sócio-histórico-ideológico) do discurso. Na obra analisada, é possível captar as alterações ocorridas na personagem, Ponciá, causadas por mudanças em um ou mais elementos do discurso em questão.

Assim, segundo Orlandi (2001:21), discurso seria “o efeito de sentidos entre os locutores.” Considerando o Contexto Sócio-Histórico-Ideológico (condições sociais, a História Oficial e também a História particular de cada pessoa, por fim, a ideologia que permeia as relações humanas) no qual o discurso e o Sujeito estão inseridos, a saber; o discurso seria o resultado, a consequência do efeito de sentido sobre os locutores.

O discurso é a materialidade específica da ideologia e a língua é a materialidade específica do discurso. Desse modo temos a relação entre língua e ideologia afetando a constituição do sujeito e do sentido. (Orlandi,2006, p. 17)

A relação entre linguagem, pensamento e mundo não pode ser feita termo a termo, os sentidos sendo possíveis a partir de sua materialização na linguagem. Deve ser considerado o que está implícito além da interdiscursividade ideológica. A obra literária escolhida foi analisada por meio dos aportes teóricos fornecidos pela Análise de Discurso levando em conta as Formações Discursivas e Ideológicas.

A transformação da personagem principal, ocorre ao sair de seu ambiente rural para um novo espaço social. O narrador habita as memórias da família Vicêncio explanando não apenas os fatos, mas também as emoções dos personagens. Não define data exata mas, ao serem relatados, nos remete ao

período pós abolicionista, demonstrando através da formação social, a manutenção do modelo escravagista de trabalho e condições de vida.

Não apenas vítimas dos infortúnios encontrados na cidade, as mulheres negras que não conseguiam empregos, acabavam nos cortiços vendendo o próprio corpo. Lembrando que os empregos que conseguiam na cidade, eram os domésticos, ou seja, continuam sendo tratadas como escravas. Dentro das casas de família, algumas eram abusadas por seus patrões. Como no caso da negra Bilisa, o amor de Luide, irmão de Ponciá que mantinha relações sexuais com o filho da patroa, estimulado pela mesma. Todos os personagens colocados em seu *locus* social, designados pela formação social definida pela formação discursiva.

Bilisa, como ele e a irmã, viera da roça para a cidade. Não era das redondezas dele. Viera com a ideia de trabalhar. Trabalhou muito, juntou algum dinheiro com o propósito de voltar à casa dos pais para busca-los e os irmãos. Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos. Bilisa se desesperou. Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela. (Evaristo, 2003, p.100)

Bilisa, que era livre de preconceitos sexuais, se permitia gozar dos prazeres da vida. Em suas falas, é palpável seu desprendimento em relação ao sexo. Evaristo narra esse pensamento de Bilisa na página 101: “Putá é gostar do prazer. Eu sou. Putá é esconder no mato com quem eu quero? Eu sou”. No mesmo trecho do livro, demonstra que mesmo acreditando-se livre, na verdade a negra ainda permanecia explorada, até mesmo por pessoas de sua etnia. Ganhava muito, era famosa, mas gastava muito também. “O dinheiro era repartido com a dona da casa e com Negro Glimério, que era protetor dela e de outras”.

Não apenas era explorada, como também os seus a discriminavam por sua maneira de viver e trabalhar. A eles pouco importava quais os motivos que a levaram a tal destino. Aqueles que a julgavam por seu modo de sobrevivência eram homens que, muitas vezes usavam de seus serviços.

Para Soldado Nestor, mulher-dama não prestava. Não conseguia gostar de um só homem. Aliás, pensando bem, mulher-dama não

gostava de homem algum. Só gostava daquilo que o homem tem entre as pernas e, mesmo assim, só se acompanhado de dinheiro. (Evaristo, 2003, p.103)

Dessa forma, percebe-se que o preconceito no âmbito sexual, acontece por conta do gênero, ou seja, o preconceito é contra a condição de ser mulher. Aliado à isso, a violência contra a mulher, outra temática muito explorada por Conceição Evaristo. Ponciá também sofria esses abusos. Seu “homem”, não a enxergava além do fornecimento de alimento e prazer, não a respeitava enquanto pessoa. A superioridade do homem era apenas física, não tinha grandes anseios, nem ganância, vontade de crescer. As agressões dispensadas à Ponciá por seu homem, não o satisfazia e não resultavam em trazer a mulher de volta à vida. Ele realmente acreditava estar fazendo algo para ajudar a mulher. Algumas vezes sentia remorso por tais agressões. Ponciá começa a perceber que ser mulher na cidade, não era o mesmo que na roça.

Houve época em que ele bateu, esbofeteou, gritou... Às vezes, ela se levantava e ia arrumar a comida, outras vezes, não. Um dia ele chegou cansado, a garganta ardendo por um gole de pinga e sem um centavo para realizar tão pouco desejo. Quando viu Ponciá parada, alheia, morta-viva, longe de tudo, precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-a, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa. Quando o homem viu o sangue a escorrer-lhe pela boca e pelas narinas, pensou em matá-la, mas caiu em si assustado. (Evaristo, 2003, p. 98)

A desesperança e morte de seus sonhos começam a crescer dentro dela. Entende que seu destino não mudara na cidade, não se encontrara lá. As condições de moradia e vida não eram tão diferentes daquelas que tinha na sua terra. Sua terra, pois lá estavam os seus. Sua família e seus pares. Essa tristeza da descoberta de sua impotência diante da realidade é descrita em seus pensamentos internos narrados pela autora. A compreensão de que seu lugar é onde estão “os seus”, comprova que a formação ideológica da formação social do lugar de onde veio, traz para o indivíduo o *status* de sujeito. A cidade a fez perder sua alteridade.

Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela

ambiência. Fechou os olhos e relembrou a casinha de chão de barro batido de sua infância.(Evaristo, 2003, p.22)

Tudo diferente do que imaginara, em sua inocência ao desembarcar do trem, cheia de sonhos, a cidade lhe parecera tão grande e cheia de possibilidades. Ao descrever suas impressões e comparações do primeiro lugar a conhecer ao chegar, com sua terra natal, tudo parece bonito e perfeito. A formação ideológica que a interpela e a faz acreditar que a cidade é melhor que o campo, resulta na formação discursiva na sua descrição da igreja.

A primeira impressão sentida por Ponciá Vicêncio no interior da igreja foi que os santos fossem de verdade. Eram grandes como as pessoas. Estavam limpos e penteados. Pareciam até que tinham sido banhados. Eles deveriam ser mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo onde ela havia nascido. Os de lá eram minguadinhos e malvestidos como todo mundo. Quando as luzes das velas iluminavam os rostos deles, podia-se ver que eles tinham o olhar aflito, desesperado, como os pecadores ali postados em ladainha. Os santos daquela catedral, não! Eram calmos. Ponciá olhou as pessoas ao redor. Combinavam com os santos, limpas e com os terços brilhantes nas mãos. Lembrou-se do seu. As contas eram de lágrimas de Maria. (Evaristo, 2003, p.34)

Não conseguiu enxergar as diferenças de linguagem, ao iniciar o trabalho de doméstica em uma casa. Seu peito repleto de fé no futuro melhor embotara-lhe as percepções. Como narrado na página 42: “Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa da cidade”, nem a língua, era a mesma. Trabalhou, juntou dinheiro e, ao conseguir comprar seu barraco, retornou à zona rural. As diferenças, eram ainda mais evidentes, pois seu espírito de luta estava intacto, pois ainda não ocorrera o confronto ideológico em sua vida.

Depois de andar algumas horas, Ponciá Vicêncio teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo. Bisaram também a cena de pequenos, crianças que, com uma enxada na mão, ajudavam a lavar a terra. (Evaristo, 2003, p.48)

Ao retornar à cidade triste por não ter conseguido encontrar os seus, Ponciá já não tinha mais certeza do que queria e, nesse momento, seus sonhos começam a morrer e questiona sua condição de mulher na sociedade. É o sinal de que compreendeu que a sua posição na formação social da cidade estava em confronto com a formação ideológica que a perpassava na zona rural.

Poderia pelo menos tornar a casinha dos dois um lugar prazeroso de viver. Mas que prazer, onde morava o prazer? Às vezes, ficava matutando para quem a vida se tornava mais difícil. Para a mulher ou para o homem? Lembrava-se do pai, da história do pai dele, o Vô Vicêncio, do irmão dela que trabalhava desde cedo nas terras dos brancos e que nem tempo de brincadeiras tivera. E acabava achando que, pelo menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher. (Evaristo, 2003, p.60)

Fizera tudo direito, estudara, trabalhara e comprara sua casinha mas a vida não mais a dava alegria. Tentara ser mãe mas, depois de tantas perdas, passou a aceitar seu destino e até agradeceu por não ter trazido mais pessoas para o sofrimento da vida. A sua identidade destruída pela formação ideológica vigente na cidade é demonstrada no trecho abaixo que relata a desesperança da personagem.

Quando os filhos de Ponciá Vicêncio, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada gravidez, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembrava-se de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. [...] - A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar esperança. Ela mesma havia chegado à cidade com o coração crente em sucessos e eis no que deu. Um barraco no morro. Um ir e vir para a casa das patroas. Umas sobras de roupa e alimento para compensar um salário que não bastava. Um homem sisudo, cansado, mais do que ela talvez, e desesperançado de outra forma de vida. Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer, viver para que? (Evaristo, 2003, p.82)

O preconceito racial, materialização da ideologia branca, dava-se também de negro para negro. O próprio Soldado Nestor, negro, declara em sua conversa com Luandi na página 121: [...] “E que Luandi não levasse a mal o que ele ia dizer, mas

quase todo negro era vagabundo, baderneiro, ladrão e com propensão ao crime. Poucos, muitos poucos, eram como o Soldado Nestor e ele”.

Depois de todo sofrimento que a família Vicêncio passou desde que fugira do passado de dominação, e após descobrir que a dominação independe de onde esteja e que não é relevante a luta por si só, mas para alcançar a todos, desistiram de encontrar sua representação na cidade pois, aquilo que os representava, sua história e ancestralidade, encontravam-se dentro deles, retornam para casa. Juntos. Para lutar por todos. Lutar por uma mudança da formação ideológica que diminui os negros e os coloca em um lugar de dominados na formação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o discurso do livro, com o embasamento dos artefatos teóricos e dispositivos de análise, foi comprovado que, ainda na contemporaneidade, a mulher está em um lugar de inferioridade por causa dos discursos misóginos e preconceituosos que perpetuam até os dias atuais. Os fatos narrados nas lembranças da vivência de Ponciá e seus familiares, ainda encontram eco nos discursos atuais. Mulher não tem desejo, não tem capacidade outra que não seja gerenciar a lida doméstica. Negro ainda é um objeto de domínio do branco e a escravidão só mudou a “roupagem”, disfarçando o discurso. As formações ideológicas atuais, são similares às de outrora e para que ocorra uma transformação social, faz-se necessária uma alteração ideológica na sociedade. A AD, através de seus mecanismos de análise, comprova que, o preconceito racial e de gênero encontra-se naquilo que está implícito, no não-dito, nas atitudes e falas dos sujeitos interpelados pela ideologia escravista e misógina. A relevância da AD no estudo da linguagem humana, da sociedade e da história, vai além da análise de conteúdo. O analista ao utilizar a AD fará uma leitura do texto enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos.

REFERÊNCIAS

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Maza Edições, 2003.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (2001). Análise do discurso: princípios e procedimentos. 3ed. Campinas: Pontes.

_____. (1983). A Linguagem e seu funcionamento. 4ed. Campinas: Pontes. _____ (1996). Interpretação. Vozes: Rio de Janeiro.

_____. (1993). Discurso e Leitura. 2ed. São Paulo: Cortez.

PÊCHEUX, Michel. (1995). Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP.

_____. (1997). Discurso: estrutura ou acontecimento. 2ed. Campinas: Pontes.

PÊCHEUX, Michel. FUCHS, Catherine. A Propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas IN GADET, F. HAK, T. (Org.). Por Uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. 3^a Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997, p. 171-176.

SANTOS, M. (2005). O retorno do território. OSAL: Observatório Social de América Latina [on-line], 6(16), 251-261. Recuperado a partir de <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>.

VARGAS, Marcia de; WAMBIER, Sandro Marlus. A história das mulheres negras no Brasil: No enfrentamento da discriminação e violência.

http://bdm.unb.br/bitstream/10483/16386/1/2016_SilvanirdaSilvadeAndrade_tcc.pdf

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/21206-ibge-mostra-as-cores-da-desigualdade>